



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA**

JULIANA SANCHES PINTO

**AQUISIÇÃO DE SEGUNDA LÍNGUA
NA PRIMEIRA INFÂNCIA**

Salvador
2008

JULIANA SANCHES PINTO

**AQUISIÇÃO DE SEGUNDA LÍNGUA
NA PRIMEIRA INFÂNCIA**

Monografia apresentada ao Colegiado do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, como requisito para a conclusão do referido Curso sob a orientação da Professora Emília Helena Portela Monteiro de Souza.

Salvador
2008

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos vão para as pessoas que contribuíram para que eu concluísse esta monografia;

a Deus, por me dar forças e por estar sempre ao meu lado;

a meus pais que entenderam a minha falta de atenção, me compreenderam e ajudaram durante o processo;

aos professores do curso que fizeram a diferença durante a minha formação;

à minha coordenadora Paula Castro pelo apoio, compreensão e tudo mais;

aos meus colegas e companheiros, em especial a Adriano Vaz pela ajuda durante as leituras e ajustes na escrita;

à professora Emília Helena pela orientação;

à professora Maria Couto pela atenção;

o meu **muito obrigada**.

RESUMO

O presente trabalho pretende relacionar o processo de aquisição de segunda língua com o processo natural de aquisição da linguagem e desenvolvimento cognitivo. Recorreu-se aos estudos realizados por alguns teóricos na área de aquisição lingüística, que com suas formulações e conhecimentos, embasaram teoricamente a elaboração dessa Monografia. Desta forma, este estudo explica a importância da aquisição de segunda língua na primeira infância, por ser a fase ideal para aquisição de línguas, em ambiente monolíngue (num processo de imersão) ou em ambiente bilíngüe para que se aprenda com proficiência as duas linguagens.

Palavras-chaves: Aquisição, linguagem, primeira infância.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1. Quanto mais cedo melhor.....	25
Figura 1. Roupas no varal	38
Figura 2. Livro das roupas que mais gosto.....	39

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
1 – AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM E DESENVOLVIMENTO COGNITIVO...8	
1.1 – Aquisição e aprendizagem.....8	
1.2 – Processo de aquisição da língua materna.....10	
2 – AQUISIÇÃO DE SEGUNDA LÍNGUA.....18	
2.1 – Crescer com duas línguas.....18	
2.2 – A segunda língua.....19	
3 – A PRIMEIRA INFÂNCIA: O MOMENTO PROPÍCIO PARA AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM.....22	
3.1 –Convivência em ambiente monolíngue no aprendizado de línguas.....26	
4 – A CRIANÇA BILÍNGUE.....28	
4.1 – Vantagens e desvantagens da aquisição de segunda língua na primeira infância.....29	
5 – O ENSINO DE LÍNGUAS NAS ESCOLAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL.....35	
5.1 – O construtivismo no ensino de línguas.....36	
5.2 – Ludicidade no aprendizado de segunda língua.....36	
6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....41	
7 – REFERÊNCIAS.....43	

INTRODUÇÃO

O processo de aquisição de línguas é natural para as crianças pequenas. O ser humano nasce com a capacidade inata para adquirir a linguagem oral e, inconscientemente, ele consegue internalizá-la para se comunicar com outros indivíduos.

O interesse pelo estudo desse tema se deu a partir de trabalho realizado em uma escola que tem um projeto inovador (na cidade de Salvador) de imersão na língua inglesa. Esta escola oferece aulas dessa língua a crianças de um a seis anos, durante quarenta minutos quatro vezes por semana. Isso significa que as crianças iniciarão o processo de imersão na segunda língua, para que tenham a compreensão da linguagem até que adquiram a habilidade de falá-la.

Normalmente, a aquisição da segunda língua é natural em ambiente bilíngüe, porque permite a exposição da criança às duas línguas em período semelhante, o que resulta em aprendizado adequado para que se saiba o idioma com proficiência. O procedimento para a aquisição da segunda língua é similar ao da língua materna, a depender do tempo de contato da criança com aquela. O fato de aprender as duas línguas ao mesmo tempo não atrapalha o desenvolvimento cognitivo da criança, pelo contrário, auxilia esse processo que se fará de forma mais lenta. Porém, ao final, a assimilação das duas línguas será ainda mais satisfatória em termos de cognição de linguagens do que uma criança monolíngue que aprenda a língua materna em menos tempo. Isso porque a criança bilíngüe terá habilidade de comunicação na língua materna e na segunda língua, além de ter um vocabulário extenso devido às linguagens, enquanto que a monolíngue terá a habilidade e o vocábulo de apenas um idioma.

Ao aprender outra língua depois da primeira infância, a criança maior ou adulto, perde a capacidade natural de assimilação e aprende como língua estrangeira num processo mais lento. Isso significa que essa língua estrangeira será aprendida, mas

não será adquirida a não ser que se tenha uma grande exposição em período longo, porém quanto mais velha a criança, menor é a habilidade de perceber sons distintos de linguagem, portanto, menor será a fluência no novo idioma.

Para o aprendizado de línguas durante a primeira infância, é importante que a escola utilize um método que haja espontaneidade no ensino. Assim, os alunos se sentirão à vontade para experimentar a comunicação nessa nova instância. O ensino lúdico é um dos principais fatores para que se tenha compreensão do segundo idioma de forma prazerosa. O entretenimento do aluno, durante as aulas, é um dos fatores que garante o desenvolvimento da assimilação da nova linguagem, além do tempo de exposição e uso da comunicação.

Então, neste trabalho, será visto que a aquisição de segunda língua na primeira infância é o momento propício para que se tenha um processo aprendizagem de outro idioma com competência lingüística adequada em termos de processo de obtenção (oral) de outra língua.

Esta Monografia foi uma pesquisa bibliográfica sobre aquisição de segunda língua com o objetivo de explicar o momento propício e a melhor maneira para adquirir um outro idioma. Para este estudo, utilizou-se base teórica de alguns autores estrangeiros que abordam o tema, contemplando nos capítulos seguintes o resultado do estudo.

O primeiro capítulo explica um pouco da aquisição da língua materna e desenvolvimento cognitivo lingüístico. O segundo capítulo aborda as formas de aquisição da segunda língua, o terceiro capítulo fala da primeira infância como momento propício para aquisição de linguagem, o quarto capítulo explica um pouco sobre o a criança bilíngüe e o quinto capítulo aborda o ensino de línguas nas escolas de educação infantil. Nos últimos capítulos, as considerações finais e as referências.

1. AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM E DESENVOLVIMENTO COGNITIVO

Neste capítulo, diversas perspectivas teóricas serão tomadas como a de Chomsky (1965) e a de Krashen (1987). Essas teorias demonstram a relação entre aquisição, aprendizagem e a capacidade natural de assimilar línguas decorrente de esforços naturais. Pela abordagem da teoria de Vygotsky, será possível notar a idéia de aprendizado através da interação humana, como as crianças nascem biologicamente preparadas para adquirir a linguagem por meio de troca de informações com o ambiente social no desenvolvimento da linguagem. Para que o processo de aquisição e aprendizado de línguas se inicie, além da capacidade inata, é preciso que a criança esteja em um determinado meio (social, cultural, etc.).

1.1 Aquisição e aprendizagem

A teoria de Chomsky (1965) defende que o indivíduo nasce com as capacidades inatas para adquirir a linguagem e que todo o indivíduo nasce com a capacidade de uma gramática geral, universal, a qual será desenvolvida pelo meio, isto é, o indivíduo aprenderá, pelos estímulos do ambiente, regras específicas de linguagem entre as outras que já possui. Chomsky afirma ainda que muitos dos princípios inatos que determinam a natureza do pensamento e da experiência podem ser ativados inconscientemente. Para ele, e para os que defendem os fundamentos biológicos da linguagem, é importante observar, também, que há um período crítico, isto é, um período favorável para a aquisição da linguagem (no sentido de língua). Depois desse período, torna-se mais difícil o processo de aquisição. Todo ser humano nasce com a habilidade de compreender e produzir qualquer tipo de fonema.

A criança, ainda no início de seu desenvolvimento cognitivo, com filtros menos desenvolvidos e hábitos menos enraizados, mantém a habilidade de expandir seu sistema fonológico, podendo ser enriquecido por fonemas de línguas estrangeiras com as quais vier a ter contato. O adulto, monolíngüe, por já possuir uma matriz fonológica sedimentada, se caracteriza por uma sensibilidade auditiva enfraquecida,

acostumada a perceber e produzir apenas os fonemas do sistema de sua língua materna.

Quando um adulto aprende uma língua estrangeira, seus conceitos (já formados) já possuem estruturas neurais fixas associadas às formas da língua materna. As estruturas neurais correspondentes às novas formas da língua estrangeira não possuem relação com as estruturas dos conceitos já formados, sendo esta uma associação mais difícil de ser estabelecida. É por isto que, no aprendizado de adultos, as dificuldades causadas pela interferência da língua materna são maiores (CHOMSKY, 1965).

O processo de aquisição da linguagem por crianças em ambientes bilíngües está referido nas teorias da aquisição, pois a aquisição bilíngüe pode evidenciar os limites dessa conquista da fala ou até mesmo esclarecer sobre o potencial de aprendizagem da linguagem na fase inicial da infância.

A hipótese aquisição e aprendizado (acquisition-learning), e a hipótese monitor representam a essência da teoria de Krashen. De acordo com sua teoria, a forma de aquisição da linguagem é responsável pelo entendimento e pelas habilidades desenvolvidas subconscientemente. Isto ocorre através da familiarização com a característica fonética da língua, a estruturação de frases, o vocabulário, tudo decorrente de situações reais, bem como pela descoberta e assimilação de diferenças culturais e também pela aceitação e adaptação à nova língua. O aprendizado da segunda língua depende de esforço intelectual e busca produzir conhecimento consciente a respeito da estrutura da língua e de suas irregularidades.

A hipótese monitor explica a relação entre a forma de aquisição e o aprendizado ao definir a influência de um pelo outro. Os esforços naturais e criativos de comunicação, decorrentes de nossa capacidade espontânea de assimilar línguas quando em contato com elas, são policiados e disciplinados pelo conhecimento consciente das regras gramaticais da língua e de suas exceções. Este conhecimento atua na função de monitoramento da fala.

“...o aluno só adquirirá o que estiver no ponto certo de seu desenvolvimento maturacional, não importando a frequência com que ele é exposto, e nem o grau de dificuldade envolvido. Assim, as estruturas que estejam além de seu desenvolvimento serão apenas memorizadas, sem contudo, serem integradas, o que significa uma não capacidade desse aluno de usá-las efetivamente.” (KRASHEN, 1987).

O aprendizado de uma segunda língua na infância pode ser considerado a melhor época para que se tenha uma construção da estrutura e uma consciência lingüística na criança. Isso porque a aprendizagem se dá de forma consciente, enquanto a aquisição ocorre de forma inconsciente. É possível adquirir a língua materna e aprender uma língua estrangeira se em ambiente monolíngue, ou pode-se adquirir uma língua materna assim como a estrangeira se em ambiente bilíngüe. Ou seja, a depender da exposição da linguagem, é possível adquirir a língua aprendida. (KRASHEN, 1982)

1.2 Processo de aquisição da língua materna

A aprendizagem se apresenta como um meio que fortalece o processo natural de aquisição da fala, e a evolução da linguagem se dá a partir de possibilidades adequadas ao indivíduo que reestruturam suas funções mentais. A cada momento a criança assimilará novas sentenças e vocabulários, a depender da maturação do seu sistema fonológico.

O cérebro do bebê muda consideravelmente depois do nascimento. A aquisição da linguagem depende de uma certa maturação cerebral e as fases de balbúcio, de elaboração das primeiras palavras e de aquisição de gramática exigem níveis mínimos de tamanho cerebral, de conexões a longa distância e de sinapses, particularmente nas regiões responsáveis pela linguagem (PINKER, 2002).

De acordo com especialistas, é comum dividir o estágio inicial da aquisição de linguagem em duas fases: pré-lingüística e lingüística. No estágio pré-lingüístico, a capacidade lingüística da criança desenvolve-se sem qualquer produção que possa

ser identificada. As mudanças biológicas facilitam o desenvolvimento lingüístico e ocorrem nos primeiros meses de vida da criança.

É o balbuciar dos bebês de aproximadamente seis meses que sinaliza o começo da aquisição da linguagem. Esse período é descrito como pré-lingüístico porque os sons produzidos não são associados a nenhum som lingüístico. O estágio dos balbucios é marcado por uma variedade de sons que, muitas vezes, são usados em algumas línguas do mundo, embora não sejam da língua que a criança irá, posteriormente, falar. Nesse estágio, os sons oferecem o repertório no qual a criança irá identificar os fonemas de sua língua e os balbucios sinalizam o começo da habilidade de comunicação lingüística da criança.

O primeiro estágio verdadeiramente lingüístico da criança é o *estágio de uma palavra* – assim nomeado por especialistas – inicia, em geral, um pouco antes de a criança completar um ano, quando começa a produzir as primeiras palavras na língua mãe. Suas falas limitam-se a uma palavra ou outra, que é pronunciada de maneira um pouco diferente da dos adultos, isso porque alguns sons parecem estar fora do alcance auditivo das crianças, por dependerem da maturação de alguns nervos. Esses fonemas são complexos para a criança detectar e aprender pela difícil articulação. É comum, por exemplo, ver crianças que possuem desenvolvimento lingüístico adiantado mas que não conseguem pronunciar o [r]. Algumas vezes, sons fáceis podem se tornar difíceis na presença de outros sons. Como em crianças que estão no *estágio de uma palavra*, que freqüentemente omitem o som das consoantes finais. Crianças nessa fase, além de pronunciar as palavras de maneira diferente também querem dizer coisas diferentes com elas. Muitos pesquisadores perceberam que as crianças parecem expressar significados complexos com suas expressões curtas. É como se suas sentenças de uma palavra representassem um pensamento completo (STILLINGS, 1987).

A linguagem é o meio de adequação do indivíduo à sociedade. É através da comunicação que ele se socializa e assimila hábitos característicos do seu grupo

social, como inclusive, as estruturas lingüísticas, fonemas e o idioma propriamente dito.

A linguagem é considerada a primeira forma de socialização da criança, e , na maioria das vezes, é efetuada explicitamente pelos pais através de instruções verbais durante as atividades diárias, assim como através de histórias que expressam valores culturais. A socialização através da linguagem, pode ocorrer também de forma implícita por meio de participação em interações verbais que têm marcações sutis de papéis e status (ELY & GLEASON, 1996).

Desta forma, através da linguagem a criança tem acesso, antes mesmo de aprender a falar, a valores, crenças e regras, adquirindo os conhecimentos de sua cultura. À medida que a criança se desenvolve, seu sistema sensorial - incluindo a visão e audição - se torna mais refinado e ela alcança um nível lingüístico e cognitivo mais elevado, enquanto seu campo de socialização se estende, principalmente quando ela passa a freqüentar a escola e tem maior oportunidade de interagir com outras crianças.

De acordo com Garton (1992), quanto mais cedo a criança se envolve nas relações sociais, mais benefícios obterá a curto ou longo prazo, tendo em vista as experiências e aprendizagens que resultam de tais interações e a participação do adulto como interlocutor lingüisticamente mais habilitado que exerce o papel de mostrar-se sensível às intenções comunicativas da criança, buscando aproximar o nível lingüístico desta ao seu.

A função da linguagem apresenta excelentes exemplos de novas aquisições. É o caso de aprender a ler e a escrever relacionados com a atividade primária da linguagem... se aprendo a falar e a compreender diversas línguas estrangeiras, se, além do alfabeto aprendido em primeiro lugar, aprendo também o grego e o hebraico, se, ao lado de minha grafia uso também a estenografia e outras escritas – todas essas atividades (aliás, as imagens mnêmicas que é preciso empregar para isso podem ultrapassar em muito o número das da língua de origem) estão evidentemente localizadas nas mesmas áreas que conhecemos como centros da primeira língua aprendida (FREUD *apud* MORAES, 1999).

Ao pensar em uma criança que esteja aprendendo a falar, imagina-se que ocorre uma interação com o meio social. A interação tem um papel importante, afinal, se a família fala português, a criança aprende o português, não o espanhol ou o inglês. Ela desenvolve, a pronúncia, enquanto adquire um certo vocabulário, na convivência com os familiares, muito embora sejam capazes de reproduzir apenas parte de tudo o que ouvem, e com a maturação dos nervos auditivos conseguem aumentar essa capacidade. Neste sentido, afirma Carrol (1969), que:

A criança aprende os fonemas de sua língua por meio de um processo de diferenciação gradual. Inicialmente, as palavras que ela fala, podem parecer que têm somente uma similaridade com as palavras da linguagem adulta que ela presumivelmente imita, mas as evidências sugerem que mesmo nessa fase a criança tem um sistema fonético próprio, embora rudimentar (CARROL, 1969).

De acordo com Vygotsky (1962), assim como no reino animal, para o ser humano, pensamento e linguagem têm origens diferentes. Inicialmente o pensamento não é verbal e a linguagem não é intelectual. Suas trajetórias de desenvolvimento, entretanto, não são paralelas - elas cruzam-se. Em dado momento, a cerca de dois anos de idade, as curvas de desenvolvimento do pensamento e da linguagem, até então separadas, encontram-se para dar início a uma nova forma de comportamento. É a partir deste ponto que o pensamento começa a se tornar verbal e a linguagem racional. As novidades que vão aparecendo na vida da criança, vão se tornando provocações para se conquistar a expressão dos pensamentos construídos a cada momento.

Inicialmente a criança aparenta usar linguagem apenas para interação superficial em seu convívio, mas, a partir de certo ponto, esta linguagem penetra no subconsciente para se constituir na estrutura do pensamento da criança (...) não há um problema que deva surgir que não possa ser solucionado a não ser pela formação de um novo conceito (VYGOTSKY, 1962).

Sobre o significado das palavras e a formação de conceitos, a partir do momento que a criança descobre que tudo tem um nome, cada novo objeto que surge representa um problema que a criança resolve atribuindo-lhe uma denominação (nome). Quando lhe falta a palavra para nomear este novo objeto, a criança recorre ao adulto. Esses significados básicos de palavras assim adquiridos funcionarão como embriões para a formação de novos e mais complexos conceitos. Para Vygotsky, um claro entendimento das relações entre pensamento e língua é necessário para que se entenda o processo de desenvolvimento intelectual. Linguagem não é apenas uma expressão do conhecimento adquirido pela criança. Existe uma inter-relação fundamental entre pensamento e linguagem, um proporcionando recursos ao outro. Desta forma a linguagem tem um papel essencial na formação do pensamento e do caráter do indivíduo.

Um dos princípios básicos da teoria de Vygotsky é o conceito de "zona de desenvolvimento proximal" que representa a diferença entre a capacidade da criança de resolver problemas por si própria e a capacidade de resolvê-los com ajuda de alguém. Em outras palavras, seria "zona de desenvolvimento auto-suficiente", que abrange todas as funções e atividades que a criança consegue desempenhar por seus próprios meios, sem ajuda externa. Zona de desenvolvimento proximal, por sua vez, abrange todas as funções e atividades que a criança ou o aluno consegue desempenhar apenas se houver ajuda de alguém. Esta pessoa que intervém como mediador para assistir e orientar a criança pode ser tanto um adulto (progenitor, professor, responsável, instrutor de língua estrangeira) quanto um colega que já tenha desenvolvido a habilidade requerida.

A idéia de zona de desenvolvimento proximal é de grande relevância em todas as áreas educacionais. Uma implicação importante é a de que o aprendizado humano é de natureza social e é parte de um processo em que a criança desenvolve seu raciocínio dentro da intelectualidade daqueles que a cercam (VYGOTSKY, 1978).

Uma característica essencial do aprendizado é que ele desperta vários processos de desenvolvimento internamente, os quais funcionam apenas quando a criança

interage em seu ambiente de convívio. Portanto, no caso de aprendizado de línguas, a autenticidade do ambiente e o grau de afinidade entre seus integrantes são elementos essenciais para que o aprendiz sinta-se parte desse ambiente.

“...o aprendizado ideal ocorre em ambientes da língua e da cultura estrangeira, quando o aluno está exposto a input lingüístico de nível imediatamente superior ao seu se o aluno estiver num estágio 'i', assimilação máxima ocorrerá se ele receber input inteligível, correspondendo a um nível 'i + 1...'” (KRASHEN, 1988).

A hipótese aquisição e aprendizado (acquisition-learning) tem influência de Vygotsky. Embora Vygotsky use o termo internalização (internalization) e Krashen fale em aquisição (acquisition), ambos incluem um pressuposto comum: interação humana. O ensino de línguas eficiente não é aquele atrelado a um pacote didático predeterminado nem aquele que utiliza recursos tecnológicos, mas sim aquele que é individualizado, em ambiente bicultural, que explora as habilidades pessoais do mediador em criar situações de comunicação real voltadas às áreas de interesse do aluno (KRASHEN,1988).

Então, a partir dos conceitos teóricos deste capítulo percebe-se que os seres humanos nascem com a capacidade inata para adquirir a linguagem, e a evolução da linguagem, assim como o aprendizado de línguas está relacionado com as contribuições proporcionadas pelo meio social de cada um. A explicitação das teorias é plausível para perceber-se que deve ser preferível a convivência em ambiente bicultural, para que o aprendizado de uma segunda língua seja eficiente, no sentido de aquisição de linguagem e apropriação de línguas. Então a aquisição da linguagem é natural e depende da interação com o meio e da maturação do cérebro do bebê para o desenvolvimento da fala.

A língua materna, é a primeira língua que uma criança aprende. Em certos casos, quando a criança é educada por pais (ou por outras pessoas) que falem línguas diferentes, é possível adquirir o domínio de duas línguas simultaneamente, cada uma

delas podendo ser considerada língua materna, sendo então uma situação de bilingüismo.

A aquisição da língua materna ocorre em várias fases. Inicialmente, a criança registra literalmente os fonemas e as entonações da língua, sem ainda ser capaz de os reproduzir. Em seguida, começa a produzir sons e entonações até que seu aparelho fonador permita-lhe a articular palavras e organizar frases, assimilando contemporaneamente o vocabulário (GENESE, 2001a).

A expressão língua materna provém do costume em que as mães eram as únicas a educar seus filhos na primeira infância, fazendo com que a língua da mãe seja a primeira a ser assimilada pela criança, condicionando a sua capacidade de falar àquele sistema lingüístico. O ensino de língua normalmente é baseado em um ponto de vista que implica (conscientemente ou inconscientemente) que de algum modo o aprendizado de uma segunda língua (L2) pode ou deve ser como se aprende uma língua materna (L1). Em outras palavras, normalmente pensa-se que um adulto pode ou deve aprender uma segunda língua do mesmo modo como um bebê aprende a primeira. Essa visão é baseada em uma concepção profundamente irreal ou errônea sobre a natureza do aprendizado de uma L2.

A aquisição da L1 é um processo essencial, biológico. É parte da história de evolução e do desenvolvimento de cada indivíduo no estágio mais propício da aquisição das habilidades essenciais desse indivíduo. Recebendo uma quantidade mínima de exposição à língua durante a infância, todos os humanos adquirem a L1 da sociedade ou do grupo social na qual nascem como uma parte natural e essencial de suas vidas. Até mesmo crianças com problemas neurológicos, normalmente, adquirem o código gramatical completo da sociedade onde estão inseridas, também porque as crianças adquirem naturalmente a L1, assim como aprendem a caminhar por exemplo (GENESE, 2001a).

Um idioma é, sem dúvida, uma capacidade humana de comunicação essencial, assim como os animais, embora no mundo animal se trate de um número limitado de sons.

O centro da linguagem do nosso cérebro entra em atividade antes de um ano de idade, sendo os anos seguintes decisivos para o desenvolvimento lingüístico da pessoa. Cada criança aprende a sua língua, de uma forma natural e rápida, dominando as bases dessa língua materna aos seis anos (primeira infância).

Uma criança de seis anos pode saber até treze mil palavras, isso implica que um garoto - que ainda não sabe ler e depende do que se diz à sua volta para adquirir uma competência lingüística - deve aprender, quando acordado, uma palavra nova cada duas horas da sua vida, ou seja, ela aprende um novo vocábulo a cada quatro horas. “Uma criança de três a quatro anos sabe, em princípio, toda a estrutura gramatical da sua língua, aumentando depois, pouco a pouco, o seu vocabulário” (PINKER, 1994).

2. AQUISIÇÃO DE SEGUNDA LÍNGUA

Na aquisição de segunda língua, a criança pequena familiariza-se com os novos sons e observa com curiosidade a articulação da nova língua, começa a compreender alguns significados e a estrutura lingüística, de modo geral. Em processo semelhante à aquisição da língua materna, ela lança mão de enunciados curtos e memorizados, que percebe em situações da segunda língua. Pronuncia palavras isoladas e “frases prontas” que permitem à criança interagir e experimentar a nova língua. Ao iniciar o processo de produção independente das frases pré-formuladas, arrisca na produção de enunciados, desenvolvendo o entendimento da estrutura gramatical e sintaxe da língua. Começa a expandir seu vocabulário, iniciando seus próprios métodos e experimentações no uso da segunda língua e progride, a partir daí, ampliando a produção e domínio do novo sistema lingüístico. A troca e mistura de línguas são processos naturais na aquisição da segunda língua, e dependerão da audiência e do propósito da comunicação.

2.1 Crescer com duas línguas

Da população mundial, quase metade é funcionalmente bilíngüe sendo que a maioria destes têm as duas línguas como "maternas".

Os pontos fortes e fracos que as crianças bilíngües manifestam podem ser reveladores em relação à questão do estabelecimento desde limitações das habilidades lingüísticas em potencial das crianças em uma determinada fase do desenvolvimento. Isto pode ajudar a estabelecer fronteiras dentro das quais o processo de aquisição da linguagem deve-se desenrolar, sendo, portanto extremamente informativo do ponto de vista teórico. (LEVY,1985).

O fato de crescer com duas línguas não irá atrapalhar o desenvolvimento da linguagem da criança. Ela desenvolverá as duas línguas naturalmente. Segundo Vygotsky a comunicação entre homens que ocorre por mediação da linguagem humana viabiliza a vida em sociedade. O indivíduo que é exposto às duas línguas, as

utilizará de acordo com suas necessidades. A língua materna e a segunda língua estarão a todo o momento fazendo parte da linguagem da criança e o pensamento será único, ou seja, o sujeito bilíngüe não mudará os códigos lingüísticos cognitivamente porque já possui as duas línguas e o significado das palavras ou símbolos em seu pensamento.

Em meio aos recentes estudos da neurociência, sabe-se que o cérebro se adapta perfeitamente às mais variadas situações e, por isso, uma criança normal não terá seu desenvolvimento dificultado se crescer ouvindo duas línguas. A criança que escuta seus pais falando línguas diferentes, teoricamente, ocorre uma boa exposição a esses idiomas, o que pode lhe atribuir uma melhor capacidade de ouvir e pronunciar tais línguas. Essas são as maiores vantagens de uma criança bilíngüe precoce porque ela terá uma melhor distinção de fonemas específicos de cada língua e uma boa pronúncia.

Considerando-se o aprendizado simultâneo de duas línguas por crianças, não existe uma mais fácil ou difícil, já que elas aprendem os dois idiomas sem terem a noção, inicialmente, de que a língua A é diferente da B. Isso, no começo, causa algumas misturas dos idiomas, mas potencializa o processo de bilingüismo (maior vocabulário, melhor pronúncia, percepção de sons) e, a curto prazo, a criança aprenderá a distinguir o uso das duas línguas.

2.2 A segunda língua

Segunda Língua (L2) refere-se a qualquer língua que é aprendida subsequente à língua materna (L1). O termo “segunda” também não restringe tal estudo apenas às línguas estrangeiras aprendidas em consequência de uma vivência no exterior, ou seja, no país onde aquela língua é L1; L2 refere-se genericamente a qualquer língua estrangeira, mesmo as que aprendemos por meio de educação formal em sala de aula. Pode-se definir aquisição de L2 como a forma pela qual as pessoas aprendem outras línguas que não a própria L1, dentro ou fora de sala de aula. Um dos

caminhos mais comuns percorridos pelos pesquisadores em ASL (aquisição de segunda língua) é a coleta e análise de amostras do que chamam de linguagem do aprendiz – a língua que os alunos produzem quando são solicitados a usar a L2 em tarefas de fala ou escrita. Tais amostras fornecem aos pesquisadores evidências sobre o que os aprendizes sabem sobre a língua que buscam aprender (chamada nos estudos de língua-alvo).

A ASL, não tem focado seus estudos nos aspectos comunicativos do desenvolvimento lingüístico, mas em aspectos particulares da língua nos quais os lingüistas têm se concentrado. Por exemplo, há estudos sobre a pronúncia dos alunos em L2 e sobre como o sotaque modificou-se ao longo da aprendizagem. Outros estudos tratam sobre a construção do vocabulário em L2 ou sobre a evolução da habilidade dos alunos em produzir determinadas estruturas lingüísticas. Um dos objetivos da ASL, assim, é a descrição da aquisição da L2; outros objetivos seriam a explicação ou identificação dos fatores internos e externos que influenciam na aquisição da L2 da forma observada pelos estudiosos em determinados indivíduos ou grupos. Um desses fatores externos seria o meio social no qual o aprendizado ocorre; as condições sociais influenciam as oportunidades que os aprendizes terão para ouvir e falar a L2 e a atitude que terão em relação à língua estrangeira. Um outro fator externo é o input que os alunos recebem, ou seja, as amostras de L2 às quais são expostos; o aprendizado de L2 não pode acontecer sem a ocorrência desses insumos.

A aquisição da L2 pode ser em parte explicada pela ação desses fatores externos, mas também é necessário observar a influência dos fatores internos, como, por exemplo, os mecanismos cognitivos que permitem ao aprendiz extrair informações sobre a L2 a partir dos inputs, do conhecimento prévio que o aluno traz, em seu conhecimento geral sobre o mundo no qual convive e as estratégias comunicativas que o auxiliam a fazer um uso mais efetivo da L2.

As crianças bilíngües aprendem o segundo idioma como segunda língua desde que sejam expostas nos primeiros meses de vida e ao longo de grande parte do seu

período de aquisição e desenvolvimento lingüístico. Não importa em qual lugar do mundo nasceu, aprende-se a(as) língua(as) falada(as) na comunidade em que se vive, pois o ser humano já nasce com a habilidade de adquirir a linguagem para comunicação. Assim como também aprende-se a língua a qual se é exposto, ou naturalmente ou na escola dependendo da periodicidade do contato com a linguagem.

(...) a universalidade da língua é a primeira razão para suspeitar que a linguagem não é apenas uma invenção cultural, mas o produto de um instinto humano específico. As invenções culturais variam muito de uma sociedade para outra em termos de sofisticação, mas a linguagem existe em todas elas. Existem sociedades da Idade da Pedra, mas não existe uma língua da Idade da Pedra (PINKER, 2002).

O uso da linguagem é a condição mais importante para o desenvolvimento das estruturas psicológicas superiores (a consciência) da criança. A experiência histórica do homem, reflete-se nas formas verbais de sua comunicação, e esse conteúdo histórico é interiorizado por meio da linguagem (VYGOTSKY, 1994). Por isso, o ambiente social do indivíduo que utiliza a segunda língua como forma de comunicação influencia o processo de aquisição desta.

3. A PRIMEIRA INFÂNCIA: MOMENTO PROPÍCIO PARA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

A Primeira infância é ideal para o ensino bilíngüe, pesquisas recentes indicam que estudantes bilíngües desenvolvem melhor suas habilidades nas áreas cognitivas. Esta talvez seja a explicação porque estes estudantes geralmente apresentam um melhor desempenho em testes de Q.I., de inteligência verbal, na conceitualização, no pensamento global e na solução de problemas. A aprendizagem bilíngüe é bastante significativa para a criança, pois é com a convivência natural que ela aplica esse conhecimento em seu cotidiano, podendo se beneficiar imediatamente dessa aquisição. Muitos estudos constataam que, durante a primeira infância, as crianças têm muito mais facilidade em aprender uma segunda língua. As crianças devem ser expostas à língua estrangeira o mais cedo possível, pois elas possuem uma capacidade lingüística de origem biológica e inata, ou seja, nascem com todas as opções de estruturas mentais para desenvolver qualquer idioma (Chomsky, 1965).

Conforme envelhecemos, perdemos parte das capacidades de aquisição lingüística, restringindo-nos àquelas de nossa língua materna. A idade de zero a seis, no máximo sete anos é a mais propícia para que estruturas gramaticais – como, por exemplo, a ordem das palavras – sejam incorporadas, e a pronúncia, perfeitamente assimilada. De acordo com estudos atuais, quanto mais cedo a criança começa aprender uma segunda língua, mais efetiva será sua aquisição. Isto é devido, em parte, pelo fato da criança mais nova possuir habilidades mais generalizadas e da importância da estimulação nessa fase. Crianças mais novas tendem a preocupar-se menos em cometer erros e são mais propensas a iniciar a comunicação com outros, independente do código lingüístico. Na maior parte dos casos não há obstáculos para que crianças aprendam uma segunda língua.

A criança bilíngüe não possui nenhuma habilidade cerebral diferente, nem qualquer processo mental específico diverso daqueles encontrados numa criança monolíngüe. No mundo de hoje, ser bilíngüe não é uma situação rara. Pesquisas estimam que metade da população mundial é bilíngüe ou até multilíngüe. Desenvolver o

bilingüismo não significa, entretanto, que nas diversas etapas do desenvolvimento da linguagem, as habilidades sejam iguais nas duas línguas. Embora seja difícil para os especialistas dizer ao certo qual língua é dominante, em termos de desempenho, os pesquisadores concordam que no aspecto cognitivo sempre uma das línguas é a dominante.

A inserção da criança num ambiente com elementos culturais diversificados, valoriza a pluralidade cultural e, diante de uma realidade globalizante, prepara as crianças para atuarem como cidadãos do mundo. A criança bilíngüe logo aprende como lidar com as duas situações com poucas intervenções e a aplicar esse mecanismo para os seus professores e o seu ambiente. Neste ambiente de aprendizagem focado em duas línguas, a criança aprende progressivamente, durante o desenrolar dos períodos escolares, a usar adequadamente a língua específica e as respostas culturalmente apropriadas, o que enriquece suas experiências de aprendizagem. (GENESEE, 1994).

Para a criança, não importa a cultura dos pais biológicos nem o sangue, mesmo se for filho de pais que falam japonês, pois não herda nenhuma facilidade para aprender a compreender e falar japonês ao invés de outra língua. Aprenderá o idioma usado em seu meio, seja qual for. Mas é normal que a criança aprenda a língua dos pais (língua materna), porém não é necessário que deva ser os pais as pessoas que ela ouve. Há um desenvolvimento seqüencial consistente na aquisição de uma segunda língua por crianças.

De acordo com Baker (2002), primeiramente há um período no qual a criança continua a usar sua língua nativa nas situações da segunda língua. Depois, a maioria das crianças entra num período não-verbal ou de silêncio. Aí então, as crianças começam a usar frases telegráficas e frases feitas na segunda língua. Finalmente, as crianças começam a produzir frases mais completas na segunda língua. Durante o período de silêncio, elas estão trabalhando ativamente na compreensão e no sentido da segunda língua. Elas observam e ouvem com atenção a professora e as outras crianças que usam a segunda língua. Os professores então, podem estabelecer

rotinas e planejar atividades de construção e repetição, de forma de que a criança possa progressivamente ir se tornando familiar com a segunda língua. Esse procedimento acontece em ambiente bilíngüe ou em processo de imersão de língua estrangeira (mais de 50% de contato com outra língua).

Durante o período silencioso, as crianças utilizam também linguagem não-verbal, como gestos e mímicas, para se comunicar na segunda língua. Gradualmente, elas começam a investigar a segunda língua, repetindo os sons que elas ouvem à sua volta. Da mesma forma como quando aprenderam a primeira língua, as crianças usam a linguagem telegráfica (muito resumida), ao começar a usar a segunda língua. Esses enunciados tendem a conter uma série de palavras que a criança já aprendeu. Exemplos comuns de linguagem telegráfica incluem identificar os objetos da classe ou nomear e recitar as letras do alfabeto. Frases feitas surgem depois de a criança ter memorizado frases inteiras que elas ouviram de seus colegas ou professores. Frases feitas ou pré-formuladas, como também são chamadas, são muito úteis por permitir às crianças interagir em situações de brincadeiras com falantes de segunda língua. Frases como por exemplo no inglês: "I want to play with you" ou "May I have a..." são exemplos de como as crianças compreendem e adquirem significados para se comunicar na segunda língua.

Após o período de frases pré-formuladas, se inicia uma linguagem mais elaborada, quando a criança começa a desenvolver um entendimento da construção gramatical e da estrutura da língua (o que não significa que neste estágio a criança conheça as regras de sintaxe ou a nomenclatura gramatical, mas sim que já estabelece um método para usá-las). Através da comparação e da ampliação ou abandono das frases pré-formuladas e, juntamente com o desenvolvimento e a aplicação das regras da sintaxe da língua, as crianças aprendizes de uma segunda língua, na primeira infância chegam a um controle na produção da nova língua. Elas iniciam, então, seus próprios novos usos da segunda língua e progridem a partir daí, ampliando o vocabulário e as estruturas gramaticais. (BAKER, 1996).

Alguns especialistas comprovam que é benéfica a imersão em uma língua estrangeira desde os primeiros anos de vida, mas alertam alguns cuidados que devem ser tomados em cada faixa etária em relação à educação bilíngüe (Quadro 1). Então, é possível perceber que quanto mais cedo, mais natural será a assimilação de outro idioma.

Quadro 1 . Quanto mais cedo melhor

	De 0 a 4 anos	De 5 a 10 anos	A partir de 11 anos
O que a ciência comprovou	Essa fase é a melhor de todas para a assimilação de novos fonemas, e portanto, para o aprendizado de um idioma sem sotaque.	Crianças que começam cedo numa escola bilíngüe e seguem nela até os 10 anos, têm a base do novo idioma consolidado no cérebro a longo prazo.	As estruturas formais da língua materna já se enraizaram, e o cérebro está numa boa fase para aprender novas palavras estrangeiras, porém com menor habilidade para distinção de fonemas.
O que dizem os especialistas	Não compensa submeter as crianças a aulas puxadas demais, sob o risco de que lhe causem pavor em relação ao novo idioma, o ideal é que elas aprendam por meio de jogos e brincadeiras.	Embora essa seja a fase da alfabetização, não é bom que ela ocorra nas duas línguas ao mesmo tempo. Acompanhar o procedimento de aquisição e explicar a diferença entre as línguas é importante para que não dificulte o processo.	O estágio avançado no idioma materno torna difícil falar a segunda língua sem sotaque, um intercâmbio pode ajudar.
O que é possível nessa idade	Domínio de cerca de 1500 palavras e compreensão de frases simples da rotina escolar.	Domínio de cerca de 5000 palavras, compreensão de letras de música e capacidade de ler e escrever textos curtos.	Domínio de cerca de 10000 palavras, fluência oral e capacidade de assistir a filmes sem legenda.

Camila Antunes e Marcos Todeschini (Revista Veja ed.2022, 22 de ago 2007)

Ao longo dos anos o ser humano vai perdendo a capacidade de assimilação lingüística. Pinker (2002) cria uma metáfora interessante para tentar explicar a perda de funcionalidade cerebral na fase adulta:

Imagine que o que os genes controlam não é uma fábrica mandando peças para o mundo, mas a oficina de uma companhia teatral de poucos recursos para a qual vários cenários, adereços e materiais retornam periodicamente a fim de serem desmanchados e remontados para a próxima produção. A qualquer hora, diferentes engenhocas podem ser produzidas na oficina, dependendo da necessidade do momento. A ilustração biológica mais óbvia é a metamorfose. [...] Mesmo nos humanos, o reflexo de sucção desaparece, os dentes nascem duas vezes e uma coleção de características sexuais secundárias emergem dentro de um cronograma maturacional. Agora, complete a mudança de ponto de vista. Pense na metamorfose e nas mudanças maturacionais não como exceção mas como regra. Os genes, moldados pela seleção natural, controlam corpos ao longo de toda a vida; seus propósitos perduram enquanto forem úteis, nem antes nem depois. A razão para termos braços aos sessenta anos não é o fato de eles estarem ali desde o nascimento, mas porque braços são tão úteis para um sexagenário quanto o são para um bebê. (PINKER, 2002)

Segundo ele, devermos pensar em "Quando a capacidade de aprender línguas é necessária?". E explica que ela deve aparecer o mais cedo possível, para podermos usufruí-la o maior tempo possível, no entanto, ela é extremamente útil apenas uma vez, depois passa a ser supérflua, pois a capacidade de aprender línguas vai diminuindo ao longo dos anos.

"(...) a aquisição lingüística deve ser como as outras funções biológicas. A inépcia lingüística de turistas e estudantes talvez sejam o preço a pagar pela genialidade lingüística que demonstramos quando bebês, assim como a decrepitude da idade é o preço pelo vigor da juventude." (PINKER, 2002).

3.1 Convivência em ambiente monolíngue no aprendizado de línguas

Para crianças que estão se tornando bilíngües, é normal misturar as duas línguas de vez em quando, esse fenômeno é conhecido como troca de código. Isto ocorre naturalmente e depende da maneira e do propósito da comunicação. A troca de código geralmente acontece quando uma criança está tentando explicar uma idéia ou

resolver uma ambigüidade. Ela é também usada para atrair ou manter a atenção do ouvinte ou para elaborar uma afirmação.

As crianças, algumas vezes, misturam as duas línguas quando tentam comunicar uma palavra ou expressão que não está imediatamente disponível para elas na segunda língua. Como as crianças monolíngües, crianças bilíngües também brincam com suas duas línguas, fazendo rimas, inventando palavras e usando certas palavras fora do contexto apropriado (GENESEEE, 1987).

Troca de código e mistura de línguas são fatos temporários na aquisição de uma segunda língua. À medida em que as crianças se tornam mais familiares com suas duas línguas, não terão mais necessidade ou desejo de combiná-las. As crianças entendem que cada língua tem o seu próprio vocabulário e construção gramatical. Elas também entendem que certas pessoas com quem elas estão em contato não falam duas línguas, como elas. Conseqüentemente, elas aprendem a usar somente uma das línguas com determinadas pessoas.

Em algumas escolas de educação infantil, crianças podem aprender uma segunda língua através das interações sociais vivenciadas e construir o seu sistema lingüístico a partir da linguagem que ouve do adulto e de outras crianças falantes. Elas aprenderão a L2, falando-a e, no início, irão memorizar algumas frases e palavras na segunda língua. Algumas crianças começam a falar rapidamente, cometendo erros, como parte do processo de construção. Outras levam algum tempo, antes de se expressarem na segunda língua, mas uma vez prontas, falam e cometem menos erros. As expectativas dos pais devem contar com alguns meses para que o processo apresente os primeiros sinais de produção lingüística. (GENESEEE, 1987)

4. A CRIANÇA BILÍNGÜE

Na idade entre 3 e 5 anos, praticamente todas as crianças tornam-se totalmente competentes em ao menos uma língua, o que é absolutamente normal. Raramente preocupa-se com isso, ainda que seja uma realização complexa, mas muito possível na primeira infância. Ainda mais complexo, são aquelas crianças que simultaneamente adquirem competência em duas ou mais línguas durante os anos pré-escolares. Dentro do mesmo período de tempo no qual as crianças monolíngües aprendem uma língua, as bilíngües aprendem duas e se tornam hábeis em usá-las em meios socialmente diversos e apropriados. É estimado que existem tantas crianças que crescem bilíngües quanto monolíngües. Apesar disso, o bilingüismo infantil é pouco entendido por muitos e considerado como impossível por outros.

Devido à falta de conhecimento sobre o bilingüismo infantil, pais, educadores e especialistas em primeira infância podem expressar dúvidas a respeito desse tipo de bilingüismo e podem esperar conseqüências negativas provenientes de crianças aprendendo duas línguas durante os anos pré-escolares como atraso de linguagem ou mistura de idiomas por exemplo. Tais preocupações são especialmente comuns em comunidades onde a maioria das crianças cresce monolíngüe e, como resultado, membros adultos da comunidade consideram normal este sistema e anormal o bilingüismo.

Alguns pesquisadores têm estado ativamente envolvidos no estudo da aquisição bilíngüe e, embora toda a evidência de pesquisa ainda não esteja concluída, pode-se descrever mais detalhadamente importantes aspectos de desenvolvimento bilíngüe. A aquisição bilíngüe é complexa com crianças monolíngües que normalmente aprendem com seus pais. As crianças bilíngües podem não apenas depender dos pais para aprenderem suas línguas, mas também dos avós, colegas, escolinhas ou pessoas que cuidam delas. A exposição das crianças bilíngües às suas línguas também pode se diferenciar, como, por exemplo, se a criança está aprendendo a língua de um dos pais que trabalha em casa e outra do outro que trabalha fora. A

exposição lingüística delas (das crianças) pode variar com o tempo se, por exemplo, o pai que é a fonte principal de uma das línguas arruma um emprego em uma outra cidade e está em casa apenas nos finais de semana.

4.1 Vantagens e desvantagens da aquisição de segunda língua na infância

Criança alfabetizada em mais de um idioma tem mais conexões cerebrais, ajudando a criatividade e o raciocínio. A alfabetização dos filhos em mais de um idioma é um pouco confusa para alguns pais, mas para especialistas é uma forma positiva de desenvolver o cérebro das crianças: aumenta as conexões cerebrais, melhora o raciocínio e desenvolve a criatividade. Mundialmente difundido, o ensino bilíngüe, no entanto, ainda engatinha no Brasil, que tem cerca de 60 escolas, 8% delas em São Paulo.

Bilíngües são as pessoas que aprendem todas as habilidades em duas línguas. Sabem ler, escrever e falar em português e inglês, por exemplo. Mas também aprendem matemática, ciências e outros assuntos. Não é preciso ser perfeito nas duas línguas para ser bilíngüe. (GENESE, 2001a).

Com a experiência de quem analisou por três décadas habilidades de crianças e jovens de até 16 anos que foram alfabetizadas em francês e que falavam inglês em casa, Genesee diz que elas têm uma consciência lingüística mais avançada na língua materna do que quem fala apenas uma língua. Além disso, desenvolvem melhor as habilidades intelectuais e podem se tornar mais criativas. Isso porque, ao conhecer dois idiomas, elas ampliam seus conhecimentos.

É como se uma criança que só fala uma língua usasse óculos azuis e só enxergasse em azul. Ou como quem mora em uma cidade e só conhece aquela maneira de viver. Segundo pesquisas internacionais, os padrões de atividade do cérebro ao aprender outra língua mudam com a idade. No adulto, as conexões usadas na língua materna ajudam na hora de aprender outra, desde que ela não seja muito diferente.

Nas crianças não há essa diferença porque o cérebro está “novo”. Elas usam as primeiras palavras ao mesmo tempo, então qualquer língua terá a mesma dificuldade. Por isso, é importante ter contato com a língua o mais cedo e pelo maior tempo possível (GENESEEE, 2001b).

Um dos primeiros estudos sobre a melhor época para aquisição de língua estrangeira, feito com 40 pessoas entre 19 e 36 anos, com a língua portuguesa, mostrou que quem aprendeu inglês na infância distingue melhor os sons do que quem aprendeu depois. Por exemplo, no computador ao ouvir palavras que apresentam sons confusos para brasileiros, como *bed* (cama) e *bad* (mau), quem aprendeu inglês quando criança distingue bem mais do que quem aprendeu depois da primeira infância, “...quanto mais cedo aprendemos outra língua, a atividade cerebral dela se aproxima da região da língua materna...” (GENESEEE, 2001b). A escrita também segue o mesmo pensamento. Para ler, é necessário saber as conexões e relações entre as palavras assim como distinguir sons para transformar em código escrito. “Quando se tem uma concepção de como ler é possível fazer isso em qualquer língua. A alfabetização é uma só, não importa qual seja a língua”. (GENESEEE, 2001b).

(...) a exposição a língua e culturas diferentes na 1ª infância beneficiaria o desenvolvimento da criança. Crianças bilíngües adquirem mais cedo a distinção entre significante e significado, uma vez que desde cedo têm a noção de que um objeto chama-se de determinada forma em uma língua, mas de outra forma em outra língua. Assim estariam sendo estimuladas a perceber a relatividade dos conceitos e a colocarem-se no lugar do outro para considerar qual língua é inteligível a ele (PIAGET, 1987).

Pensa-se que aprender duas línguas na infância é difícil e pode resultar em atrasos no desenvolvimento da linguagem, o que não é verdade. As crianças que possuem por parte dos pais, e de outras pessoas que cuidem delas, uma exposição regular e rica às duas línguas, numa base diária ou semanal, demonstram os mesmos progressos no desenvolvimento da linguagem, quase que na mesma época, que as crianças monolíngües. De acordo com Fred Genesee (1994), existem grandes

diferenças individuais na aquisição de linguagem por exemplo, algumas crianças adquirem suas primeiras palavras ou usam produções orais complexas muito antes do que outras crianças. Atrasos na manifestação desses progressos não significam, necessariamente, que existe algo seriamente errado; na maioria dos casos simplesmente significa que a criança levou mais tempo para atingir esta fase.

As crianças bilíngües devem ser expostas às duas línguas todo o tempo, sem que haja mudanças radicais no ambiente lingüístico. Tais mudanças confundem o desenvolvimento da linguagem e criam dificuldades para a criança. Elas têm menor exposição do que as monolíngües a cada uma das duas línguas. Como resultado, nunca dominam cada língua completamente e, comparadas às crianças monolíngües, não se tornam tão proficientes em pouco tempo.

As crianças bilíngües podem adquirir, com o tempo, a mesma habilidade em todos os aspectos das suas duas línguas como as crianças monolíngües. Elas adquirem a mesma competência nos aspectos fonológico e gramatical das línguas como as crianças monolíngües fazem com sua única língua, contanto que seja dado a elas uma exposição regular e substancial a cada língua. Elas podem possuir modelos de desenvolvimento um tanto diferentes em certos aspectos da língua em curto prazo. Às vezes, crianças de menor idade em processo de aquisição de duas línguas conhecem menos palavras em uma ou ambas de suas línguas em comparação com as monolíngües da mesma idade. Isto ocorre porque todas as crianças possuem capacidades de memória limitadas – por causa da maturidade de seus intelecto – em certa idade, para guardar na memória palavras das duas línguas, não apenas de uma. Além disso, pelo fato de as crianças bilíngües aprenderem palavras em cada língua proveniente, e algumas vezes, sabem certas palavras em uma língua, mas não na outra. Quando o vocabulário que as crianças bilíngües conhecem em ambas as línguas é considerado em conjunto, elas geralmente conhecem o mesmo número de palavras e possuem a mesma extensão de vocabulário que seus correspondentes monolíngües. A confusão de vocábulos entre as duas línguas acontecem por pouco

tempo e provavelmente desaparecem até o momento em que as crianças iniciam a escola. (GENESEEE, 1994)

Os modos de se comunicar em certas situações sociais ou de expressar certos significados podem ser muitos diferentes em algumas línguas. Se as crianças bilíngües estão adquirindo tais línguas e não tiverem tido completa exposição a uma ou a ambas delas, então elas podem não ter adquirido a habilidade de expressar alguns significados ou podem não ser proficientes em certas situações sociais. Dada uma experiência adequada e apropriada com as duas línguas, a maioria das crianças bilíngües rapidamente adquire todas as habilidades sociais da língua e as maneiras que necessitam para se expressarem.

A competência global das crianças bilíngües em cada língua reflete a quantidade de tempo que elas são expostas em cada uma. Conseqüentemente, uma criança que acabou de retornar de uma visita a um avô ou avó na qual somente uma das línguas foi usada, pode preferir usar somente aquela língua durante certo tempo e, assim, pode parecer que ela perdeu alguma habilidade na outra língua. Isto é normalmente uma curta (temporária) mudança na preferência, que é corrigida assim que a criança é exposta à língua que foi deixada de lado. Os pais podem garantir melhor que suas crianças ganhem competência total em ambas as línguas fornecendo ricas experiências com cada e especialmente com a língua que poderia, de outro modo, não conseguir grande apoio na comunidade; por exemplo, uma língua “menor”, (falada pela minoria) tal como espanhol ou chinês, na América do Norte.

Os pais que não falam a língua da maioria da comunidade devem continuar a usar sua língua nativa, para que exponham seus filhos a variadas e ricas formas de usar a língua. Isto é difícil de fazer se os pais usam uma língua nas quais não são proficientes. Também é importante para os pais manter uso de línguas herdadas em casa porque são parte da cultura da família e uma parte da identidade do desenvolvimento da criança.

Crianças bilíngües não conseguem manter suas línguas separadas, elas usam ambas ao mesmo tempo, e não ficam confusas. Em certa fase, a maioria das crianças bilíngües usa sons e palavras das duas línguas nas mesmas produções orais ou conversações, embora as pessoas que falem com elas estejam usando apenas uma língua. Alguns pais e educadores da primeira infância ficam preocupados quando ouvem isto porque eles crêem que isso significa que a criança está confusa e não pode separar as duas línguas. Pesquisas mostram que isso não é verdade. A razão principal para as crianças misturarem suas línguas deste modo é que elas não possuem vocabulário suficiente em uma ou em ambas para se expressarem inteiramente em cada uma delas. Portanto, elas tomam emprestado da outra língua. Esta é uma estratégia eficaz de comunicação em muitas famílias porque os pais e outros adultos que cuidam das crianças bilíngües normalmente compreendem as duas línguas e podem misturá-las quando falam com a criança. Adultos bilíngües em algumas comunidades misturam suas línguas amplamente. Pesquisas mostram que quanto mais conhecedor, mais os bilíngües misturam e das mais variadas maneiras, sem violar as regras de nenhuma das línguas (GENESEE, 1994).

É normal para crianças que crescem nessas comunidades misturarem suas línguas freqüentemente porque elas estão simplesmente aprendendo os modelos de comunicação que são comuns em suas comunidades. Em qualquer caso, mistura de línguas é um aspecto natural e normal da aquisição bilíngüe nos primeiros anos, mesmo entre adultos bilíngües proficientes. Os pais não devem tentar impedir suas crianças de misturarem as línguas. As crianças bilíngües irão parar de fazê-lo naturalmente, ao menos, é claro, que a mistura seja uma freqüente forma de uso da linguagem na comunidade.

O uso de ambas as línguas em uma mesma sentença ou conversação não é ruim. Os pais podem desencorajar e até mesmo impedir suas crianças de fazê-lo, certificando-se que cada um deles use uma e somente uma língua com seus filhos todas às vezes. O mesmo vale para outros adultos que interajam com a criança. As

pesquisas mostram que a maioria das crianças bilíngües mistura suas línguas às vezes, independente de quanto seus pais o façam, devido às razões mencionadas anteriormente. Além do mais, a maior parte dos pais misturam suas línguas quando falam com seus filhos pequenos porque é uma forma natural e eficaz de se comunicarem entre si e com filhos. Devido ao fato de a mistura de línguas ser comum entre pessoas que são bilíngües, pode ser difícil e não natural, se não impossível, manter as línguas completamente separadas. Se a maioria das pessoas na comunidade mais ampla usa somente uma língua, então não há razão para se preocupar sobre quantos pais ou filhos farão a mistura; as crianças no final aprenderão os modelos monolíngües (GENESEEE, 1994).

As coisas mais importantes que os pais ou educadores da primeira infância devem saber sobre o bilingüismo infantil por Fred Genesee (1994):

a aquisição bilíngüe é uma experiência infantil comum e normal (...) todas as crianças são capazes de aprender duas línguas na infância (...) conhecer a língua dos pais é um componente importante e fundamental da identidade cultural e do senso de pertencer das crianças (...) a aquisição bilíngüe é facilitada se a criança possui contínuas, ricas e variadas experiências em ambas as línguas (...) a proficiência em ambas as línguas é mais provável se as crianças possuem exposição contínua em casa à língua que é utilizada menos extensivamente na comunidade (...) a língua que é usada mais amplamente ganhará apoio fora da casa (...) os pais podem facilitar a proficiência bilíngüe usando a língua que eles melhor conhecem e usando-a em diversas e amplas maneiras (GENESEEE, 1994)

Uma pessoa pode ser capaz de falar duas línguas, mas poderá ter uma tendência a praticar apenas uma delas. O bilíngüe pode ter competências limitadas para cada língua, ou seja, usar uma língua para conversas informais com mais agilidade e outra língua para ler e escrever com mais facilidade.

5. O ENSINO DE LÍNGUAS NAS ESCOLAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Se uma criança aprende desde os primeiros anos um segundo idioma, dominará com mais facilidade a linguagem do que aqueles que são introduzidos a ela mais tarde, aos seis ou sete anos. Além disso, se a criança começa a estudar uma segunda língua depois dos dez anos de idade, dificilmente conseguirá adquirir a consciência lingüística com facilidade. Nos primeiros anos, as crianças não têm dificuldades para assimilar uma língua nova, pois absorvem todo o tipo de conhecimentos como se fossem uma esponja. Quando somos crianças, podemos aprender duas línguas ao mesmo tempo e ambas são armazenadas na mesma área do cérebro. No entanto, quando a aprendizagem se dá com crianças maiores, o segundo idioma é armazenado por uma zona cerebral diferente da do idioma materno.

(...) existem diferenças individuais, que dependem do esforço, qualidade de ensino e simples talento, mas, ainda assim e mesmo nas melhores circunstâncias, parece haver uma barreira intransponível para qualquer adulto (PINKER, 2002).

As crianças que são expostas de forma precoce a um segundo idioma crescem adquirindo os dois idiomas como línguas compartimentadas, não existindo o risco de contaminação lingüística. Por este motivo é que se deve começar o aprendizado de uma segunda língua o mais cedo possível, e sobretudo de uma forma divertida. A criança ao aprender duas línguas ao mesmo tempo em ambiente natural, vai adquirindo mais lentamente a estrutura gramatical de cada uma delas, mas em pouco tempo irá se aprimorar. Em ambiente escolar, é importante que a aprendizagem de uma segunda língua se faça de uma forma interessante, com contos, jogos, canções, etc. Nas escolas de educação infantil, que normalmente são as escolas bilíngües, o professor é o responsável pela qualidade do processo de ensino-aprendizagem, cabendo a ele desenvolver novas práticas didáticas que permitam aos discentes um maior aprendizado.

5.1 O construtivismo no ensino de línguas

De acordo com Vygotsky, todas as atividades cognitivas básicas do indivíduo ocorrem com sua história social e acabam se constituindo no produto do desenvolvimento cultural de sua comunidade. Portanto, as habilidades cognitivas e as formas de estruturar o pensamento do indivíduo não são determinadas por fatores congênitos. Mas sim, resultado das atividades praticadas de acordo com os hábitos sociais da cultura em que o indivíduo se desenvolve. Conseqüentemente, a história da sociedade na qual a criança se desenvolve e a história pessoal desta criança são fatores cruciais que vão determinar sua forma de pensar.

Neste processo de desenvolvimento cognitivo, a linguagem tem papel crucial na determinação de como a criança vai aprender a pensar, uma vez que formas avançadas de pensamento são transmitidas à criança através de palavras (MURRAY THOMAS, 1993).

A teoria de Krashen (1987) diz que o construtivismo preconiza o desenvolvimento de habilidades e conhecimento como resultado de ação, de interação do ser inteligente com seu ambiente. Portanto, o ambiente é fator determinante. No caso de línguas estrangeiras, o ambiente apropriado é aquele que oferece convívio multicultural. Pode ser ambiente de convívio multicultural ou bicultural que é aquele composto de pessoas de diferentes nacionalidades e culturas. O que proporciona o desenvolvimento do conhecimento necessário e das habilidades básicas necessárias para que todos possam se comunicar em qualquer situação com tranqüilidade. Nesse processo, quanto maior o grau de afinidade entre seus integrantes, mais completa será a assimilação.

5.2 Ludicidade no aprendizado de uma segunda língua

As atividades lúdicas têm o poder sobre a criança de facilitar tanto o desenvolvimento de sua personalidade, como o de suas funções psicológicas

intelectuais e morais. Desse modo, percebe-se o quanto é importante a ludicidade no aprendizado de uma segunda língua em escolas de educação infantil, visto que ela proporciona uma maior interação entre o estudante e o aprendizado de línguas, fazendo com que as aulas fiquem mais prazerosas aos olhos dos alunos, os quais ficam mais interessados em assistir a aula. Cabe ao professor usar novas metodologias para o ensino de língua estrangeira, inserindo atividades lúdicas variadas no processo de ensino-aprendizagem. A ludicidade é uma atividade que tem valor educacional essencial, mas além desse valor, que lhe é inerente, ela tem sido utilizada como recurso pedagógico. Segundo Teixeira (1995):

As atividades lúdicas correspondem a um impulso natural da criança, e neste sentido, satisfazem uma necessidade interior, pois o ser humano apresenta uma tendência lúdica; O lúdico apresenta dois elementos que o caracterizam: o prazer e o esforço espontâneo. Ele é considerado prazeroso, devido a sua capacidade de absorver o indivíduo de forma intensa e total, criando um clima de entusiasmo. É este aspecto de envolvimento emocional que o torna uma atividade com forte teor motivacional, capaz de gerar um estado de vibração e euforia. (...) as situações lúdicas mobilizam esquemas mentais. Sendo uma atividade física e mental, a ludicidade aciona e ativa as funções psico-neurológicas e as operações mentais, estimulando o pensamento; As atividades lúdicas integram as várias dimensões da personalidade: afetiva, motora e cognitiva. Como atividade física e mental que mobiliza as funções e operações, a ludicidade aciona as esferas motora e cognitiva, e à medida que gera envolvimento emocional, apela para a esfera afetiva. Assim sendo, vê-se que a atividade lúdica se assemelha à atividade artística, como um elemento integrador dos vários aspectos da personalidade (TEIXEIRA 1995).

O ser que brinca e joga é, também, o ser que age, sente, pensa, aprende e se desenvolve. Brincando e jogando, a criança aplica seus esquemas mentais à realidade que a cerca, aprendendo-a e assimilando-a, assim também, a criança reproduz as suas vivências, transformando o real de acordo com seus desejos e interesses. Por isso, pode-se afirmar que, por meio das atividades lúdicas, a criança expressa, assimila e constrói a sua realidade. Assim, é possível aprender qualquer

disciplina através da ludicidade, a qual pode auxiliar no ensino de línguas estrangeiras, "A educação pela via da ludicidade propõe-se a uma nova postura existencial, cujo paradigma é um novo sistema de aprender brincando inspirado numa concepção de educação para além da instrução" (SANTOS, 2001).

A seguir, serão apresentadas algumas atividades utilizadas numa escola que tem um projeto de imersão na segunda língua. Nas figuras 1 e 2 podemos observar alguns exemplos de atividades propostas, envolvendo a ludicidade, para crianças de 6 anos que estudaram sobre as roupas que as pessoas usam:



Figura 1 – Roupas no varal



Figura 2 – Livro das roupas que mais gosto

Na figura 1, após dinâmicas que envolveram o tema “roupas”, foi proposta a atividade de estender no varal roupas desenhadas por eles. As crianças puderam retratar a realidade de pôr uma roupa no varal, através de uma brincadeira que envolvia colocar os próprios trajes (desenhados) para secar. Na figura 2, dando continuidade ao tema, as crianças puderam pensar nas vestimentas preferidas, e assim usaram a criatividade para produzir um livro de roupas utilizando a segunda língua de maneira descontraída.

Dessa forma, seja no aprendizado da língua materna ou da segunda língua, as atividades lúdicas estimulam o desenvolvimento da fala e da escrita, propiciando um ambiente de descontração para os estudantes. Para Vygotsky (1994),

(...) a aprendizagem e o desenvolvimento estão estritamente relacionados, sendo que as crianças se inter-relacionam com o meio social, internalizando o conhecimento decorrente de um processo de construção (VYGOTSKY, 1994).

O lúdico enquanto função educativa propicia a aprendizagem do educando, seu saber, sua compreensão de mundo e seu conhecimento. Assim, ele é um elemento essencial para o processo de ensino-aprendizagem de qualquer disciplina, inclusive no de Língua Estrangeira. No ensino da segunda língua, o lúdico pode ajudar muito para a aquisição da escrita e da oralidade, pois traz descontração e entretenimento às aulas, fazendo com que os estudantes se sintam mais à vontade e motivados a aprender.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que a aquisição de segunda língua na primeira infância ocorre em processo semelhante ao da aquisição da língua materna. Isso ocorre quando a criança é exposta naturalmente ao segundo idioma em período similar ao da primeira língua. A teoria de Chomsky (1965), citada no primeiro capítulo desta monografia, defende que os indivíduos já nascem com a capacidade para adquirir a linguagem oral que é desenvolvida no próprio ambiente de convívio. De acordo com Krashen (1987), o tempo máximo de exposição à língua estrangeira irá proporcionar o *input* ideal para a criança. Sob influência do teórico Vygotsky (1978), diz que a aquisição e aprendizado de línguas está relacionado às interações humanas, ou seja, o ambiente social do indivíduo implicará na internalização lingüística. Ao longo dos capítulos pode-se entender que o aprendizado de línguas em ambiente bilíngüe natural é ideal para que se adquira as duas com proficiência. Em ambiente monolíngüe, o processo fica mais lento devido ao tempo menor de contato com a língua.

Na primeira infância, a língua materna não está enraizada ainda, então permanece a capacidade de distinção dos fonemas facilitando a pronúncia das palavras. A criança bilíngüe poderá misturar os idiomas ao se expressar, o que não significa que tenha dificuldade, retratando Fred Genesee (2001b) no capítulo 5. Esse processo é natural porque a criança utiliza um vocábulo para complementar a sentença para expor o pensamento que é único, apesar de falar duas línguas. Aos poucos, a criança vai adquirir vocabulário suficiente para separar as palavras distintas das línguas para comunicar-se. Depois da primeira infância, o indivíduo perde a capacidade para adquirir a linguagem em processo natural, ou seja, em mesmo período de tempo que uma criança pequena. Depois dos sete anos, o aprendizado é mais lento e a perfeita assimilação (pronúncia, compreensão, habilidade), dependerá do tempo de exposição da língua. Quanto mais velho o ser humano, mais difícil e complicado se fará o processo.

Ao aprender na escola, aconselha-se que seja de forma lúdica para que a criança sinta vontade de aprender. Sentir prazer durante as aulas, faz com que a aquisição torne-se mais fácil, mesmo que o tempo de exposição ao idioma não seja igual ao da língua materna. Brincando e jogando a criança relaciona o pensamento ao novo vocabulário, assimilando com mais simplicidade a segunda língua.

No capítulo 6, pode-se observar figuras de um trabalho lúdico, realizado em uma escola de educação infantil (que possui projeto de inserção na língua inglesa), demonstrando que a aprendizagem do novo idioma pode acontecer de forma descontraída. O lúdico, enquanto função educativa, propicia a aprendizagem do educando, seu saber, sua compreensão de mundo e seu conhecimento. Assim, ele é um elemento essencial para o processo de ensino-aprendizagem de língua estrangeira. O lúdico pode ajudar muito na aquisição da oralidade, pois traz descontração e entretenimento à aula, fazendo com que os estudantes se sintam mais a vontade e mais motivados a aprender. Portanto, a primeira infância é o momento apropriado para aquisição de segunda língua devido aos argumentos explicitados ao longo dos capítulos desta monografia.

7. REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Ana Isabel O. & SÁ, Maria Helena A. B. A. *Didáctica da língua estrangeira*. Porto Alegre: Asa, 1992.
- ANTUNES, Celso. *Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências*. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.
- ANTUNES, C. & TODESCHINI, M.. Yes, nós somos bilíngües. *Revista Veja*. Brasil, ed. 2022, Ago, 2007.
- BAKER, Colin. *Foundations of Bilingual Education and Bilingualism*. 2nd edition. Clevedon: Multilingual Matters Ltda, 1996.
- CARROL, John B.. *Psicologia da Linguagem*. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.
- CHOMSKY, Noam. *Aspects of the theory of Syntax*. Massachusetts : The MIT Press Cambridge, 1965 (54-68).
- CHOMSKY, C.. *Acquisition of Syntax in Children from 5 - 10*. Cambridge, MA: MIT Press, 1969.
- CHOMSKY, N. *Reflections on Language*. New York: Random House, 1975.
- CRYSTAL, David. *The Cambridge Encyclopedia of Language*. Cambridge University Press, 1997.
- COMEAU, L., GENESEE, F. & LAPAQUETTE L. *The modeling hypothesis and child bilingual codemixing*. *International Journal of Bilingualism*, 2003.
- ELY, R. & Gleason, B. *Socialization across contexts*. Em P. Fletcher & B. Macwhinney (Orgs.), *The handbook of child language*. Oxford, U.K.: Blackwell, 1996.
- FLETCHER, Paul. *Compêndio da linguagem da criança*. Paul Fletcher e Brian Mac Whinney; trad. Marcos A. G. Domingues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- FLETCHER, P. e MAC Whinney, B. (Eds.). *The handbook of child language*. Cambridge, MA: Blackwell, 1995.
- FREEMAN, Y., & FREEMAN, D. *Principles for Success*. Portsmouth: Heinemann, 1998.
- GARTON, A. F.. *Social interaction and the development of language and cognition*. Hillsdale, USA: Lawrence Erlbaum, 1992.

GENESEEE, F.. *Learning through two languages: Studies of immersion and bilingual education*. Boston: Heinle & Heinle Publishers, 1987.

GENESEEE, F. (Ed.). *Educating second language children: The whole child, the whole curriculum, the whole community*. New York: Cambridge University Press, 1994.

GENESEEE, F.. *Bilingual first language acquisition: Exploring the limits of the language faculty*. In M. McGroarty (Ed). *Annual Review of Applied Linguistics: Language and Psychology*, V. 21. Cambridge University Press, 2001a.

GENESEEE, F.. *Portrait of the bilingual child*. In V. Cook (Ed.) *Portraits of the Second Language User*. Clevedon, Eng.: Multilingual Matters, 2001b.

GENESEEE, F. *What do we know about bilingual education for majority language students*. In T. K. Bhatia & W. Ritchie (Eds.), *Handbook of Bilingualism and Multiculturalism*. Malden, M A: Blackwell, 2004.

GENESEEE, F, JOANNE, P, & MARTHA, B, C. *Dual Language development and disorders: a handbook on bilingualism and second language learning*. Paul H Brookes Publishing Co, 2^a ed, 2006.

GROSJEAN, F.. *Life with two languages: An introduction to bilingualism*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1982.

HALLIDAY, M. A. K. *As Ciências Lingüísticas e o ensino de línguas*. Petrópolis, Vozes, 1974.

KINGINGER, Celeste. "i + 1 different from ZPD". *Foreign Language Annals*. Vol. 34, No. 5, 2001.

KRASHEN, S.. *Principles and practice in second language acquisition*. Oxford: Pergaman, 1982.

KRASHEN, Stephen D. *Principles and Practice in Second Language Acquisition*. Prentice-Hall International, 1987.

KRASHEN, Stephen D. *Second Language Acquisition and Second Language Learning*. Prentice-Hall International, 1988.

LEU, W. & KINZER, D. *Effective Teaching of Reading*, second edition. New York: Prentice Hall, 1995.

LEVY, Y. *Theoretical gains from the study of bilingualism: a case report*. Language Learning Research Club, University of Michigan, 1985.

- LURIA, A. R. *Cognitive Development: Its Cultural and Social Foundations*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1976.
- MATTOS, A. M.A.. *A Hipótese da gramática Universal e a Aquisição de Segunda Língua*. Disponível em: <www.lettras.ufmg.br/andreamattos.pdf> Acesso em: 23 Ago. 2008.
- MITCHELL, R. & MYLES, F. *Second Language Learning Theories*. New York: Oxford University Press. 1998.
- MURRAY, T, R. *Comparing Theories of Child Development*, Third Edition. Belmont, California: Wadsworth Publishing Company, 1993.
- ORLANDI, E, P. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez Editora.1988.
- PIAGET, J. *O nascimento da inteligência na criança*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- PINKER, S.. *Language learnability and language development*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1984.
- PINKER, S.. *The bootstrapping problem in language acquisition*. In B. MacWhinney (Ed.), *Mechanisms of language acquisition*. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1987.
- PINKER, S..*Learnability and cognition: The acquisition of argument structure*. Cambridge, MA: MIT Press, 1989.
- PINKER, Steven, *The Language Instinct*, Penguin Books, 1994.
- PINKER, S. *Como a Mente Funciona*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- PINKER, Steven. *O instinto da linguagem: Como a Mente Cria a Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- RICHARD, A, P. *Making it happen*. New York: Longman, 1996.
- SANTOS, Santa Marli Pires. *A ludicidade como ciência*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- SAUNDERS, George. *Bilingual children: From birth to teens*. England: Multilingual Matters, 1988.
- STILLINGS, Neil A. *Cognitive Science: an introduction*. Cambridge: Massachusetts Institute of Technology, 1989.
- TABORS, P, O,. *One Child, Two Languages: A Guide for Preschool Educators of Children Learning English as a Second Language*. Cambridge, Massachusetts: Brookes Publishing Cº, 1997.

TEIXEIRA, Carlos E. J. *A ludicidade na escola*. São Paulo: Loyola, 1995.

VYGOTSKY, L. S. *Mind in Society: The Development of Higher Psychological Processes*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1978.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.